

A CAPITAL DO CHORO

DEPOIS DO ROCK E DA AXÉ, BRASÍLIA AGORA É CENTRO DE REFERÊNCIA NACIONAL DE OUTRO ESTILO: O CHORO, QUE SAIU DO RIO PARA RENASCER NO CERRADO GRAÇAS A CRIAÇÃO DE UMA ESCOLA E A UM CLUBE ONDE SE APRESENTAM MÚSICOS EXPERIENTES, MUITOS ESQUECIDOS PELA MÍDIA. ENTRE OS CHORÕES DA CIDADE, A REVELAÇÃO É O BANDOLINISTA HAMILTON DE HOLANDA (DOIS DE OURO)

Carlos Vieira



Carlito Gomes, Jansley Lima, Francisco Filho e Luciana Burle frequentam a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, que tem quase cem alunos aprendendo a tocar instrumentos como bandolim, violão, cavaquinho e saxofone

Bernardo Scartezini e Irlam Rocha Lima
Da equipe do Correio

NO MEIO DO DESERTO, NA ARIDEZ DO EIXO MONUMENTAL, ENTRE O NADA E O NADA MESMO (NA VERDADE, ENTRE O CENTRO DE CONVENÇÕES E O PLANETÁRIO), SE ESCONDE O CLUBE DE CHORO. O QUE PARECE UM CORETO ABANDONADO, UM PEDAÇO DE CIMENTO, É VIVO POR BAIXO. COMO UM VULCÃO. MAS A LAVA É O CHORINHO.

Como num velho clichê, os frequentadores do Clube de Choro e o próprio presidente da casa, Reco do Bandolim, adoram repetir que o clu-

be é "uma grande família". Até o pernambucano Ivanildo O Sax de Ouro, que se apresentou no local na semana passada, saiu contagiado com a velha *famiglia* do choro cangado. "Isso é uma família, uma casa", disse durante a apresentação. À meia luz, com as mesas cercando o pequeno palco, o Clube do Choro abriga 180 pessoas sentadas — com direito a garçom. Nas noites mais concorridas, cabe mais de 200 pessoas, com os retardatários ficando em pé, colados na parede dos fundos, que traz retratos de outras noites de choro, ao lado do pequeno armário, *discoteca*, que vende CDs de chorinho, samba e agregados. "O melhor do Clube do Choro é que apresenta o chorinho para um público novo, para muitos jovens da cidade que, sem este local, possivelmente nunca teriam contato com esse tipo de música", acredita Gonzalo Lima, "fotógrafo oficial" do Clube há três anos. Para o Clube do Choro chegar a esse estágio de prestígio e popularidade, foram precisos 21 anos. Desde que, em reuniões no apartamento da professora e flautista Odette Ernest

Dias, na SQS 311, em meados da década de 70, surgiu a idéia da fundação de um clube dedicado ao estilo. Das reuniões participavam, entre outros, o citarista Avena de Castro, Alcebíades Moreira, o Bide da Flauta (ambos falecidos), a pianista Neusa França, o violonista Hamilton Costa, e os pandeiristas Manoel Vasconcelos e Pernambuco do Pandeiro — quase todos originários do Rio de Janeiro. **REUNIÕES INFORMAIS** "Inicialmente as reuniões eram absolutamente informais. Amigos que gostavam de choro se encontravam para tomar uma cervejinha e tocar", recorda-se Odette, aposentada pela Universidade de Brasília, que há três anos voltou a morar no Rio. Como as reuniões se tornaram famosas, o apartamento de Odette, que não era tão grande assim, ficou pequeno para acolher tanto *chorão*. "Foi aí que resolvi promover uma série de shows no Teatro da Escola Parque. Era uma coisa arriscada, porque naquela época as rádios não tocavam choro." A flautista ficou impressionada

com o interesse despertado pelos shows. "A sala sempre esteve lotada e, por vezes, muitas pessoas ficaram de fora, porque não havia mais lugar para ninguém. Foi um sucesso aquelas rodas de choro, que revelaram, entre outros, o Reco do Bandolim." Odette se refere a Henrique Filho (apelidado de Reco do Bandolim, desde o tempo em que prestou serviço militar), o atual presidente do Clube do Choro. Foi no apartamento de Odette onde se fez a ata de fundação e se elaborou o estatuto do Clube do Choro, no dia 9 de setembro de 1977. O próximo passo era conseguir um local para a sede. Músico de grande popularidade em Brasília na época, Pernambuco do Pandeiro conseguiu organizar uma apresentação de vários *chorões* da cidade para o então governador do DF, Elmo Serejo Farias. "O governador apreciou muito a roda de choro e, em especial, o número que eu e o Bide fazíamos, tocando *Urubu Malandro*, de Pixinguinha. Com isso abriu brecha para que pudéssemos pedir um local para abrigar o Clube do Choro. Dias depois, no Palácio do Buriti, ele deu autorização para que

ocupássemos a sala ao lado do Centro de Convenções", relata o músico. Com a sala aberta para os chorões e com o clube sob a presidência de Avena de Castro, começaram a acontecer ali as primeiras reuniões, sempre nas tardes de sábado e regadas a muita cerveja e um sarapatel preparado por Pernambuco do Pandeiro. Em junho de 1995, tomou posse um novo presidente, Henrique Filho. Com ele à frente, o clube vem conhecendo nova e produtiva fase. Uma de suas primeiras medidas foi legalizar a entidade. Para isso fez contato com a Terracap e há dois anos a sede foi entregue oficialmente ao clube pelo GDF. Em seguida, entre dezembro de 1996 e abril de 1997, foi feita a reforma completa do clube. "Naquele período, fizemos a construção de novas instalações e revestimento acústico", diz Reco. A partir da reabertura, o Clube do Choro vem funcionando regularmente, com shows semanais, entre quarta e sexta-feira. "Em 1997 realizamos o ciclo de homenagem a Pixinguinha, comemorando o seu centenário. Este ano estamos promovendo o *Jacob 80*

Anos, um tributo a Jacob do Bandolim, trazendo a Brasília os maiores nomes do choro", comemora. O público que frequenta os shows do clube geralmente tem mais de 40 anos, mas também há jovens, como a comerciante Giovanna Almeida, de 26. "Há uns dois anos eu vim com uma amiga minha ver um show do Dois de Ouro e gostei muito. Comprei o disco, vim em outros shows e ainda trouxe outros amigos", conta a comerciante. Ela ouve Skank, curte Titãs e está com a coleção de discos de chorinho aumentando gradativamente. Aproveitou a noite de choro da semana passada e comprou o *Volume 4* de Ivanildo Sax de Ouro. "O Clube do Choro é muito importante por levar esta cultura. É difícil para um artista se sustentar fazendo o que quer", aponta Maria Enoy, 50 anos, frequentadora do local desde 1983. Ela só tem uma reclamação: "É complicado chegar até aqui, não há sinalização nenhuma e conheço até gente que se perdeu no caminho". ■ Leia mais sobre a ascensão do choro em Brasília na página 4